

Inca: referência no Brasil e na América Latina

Carlos Magno

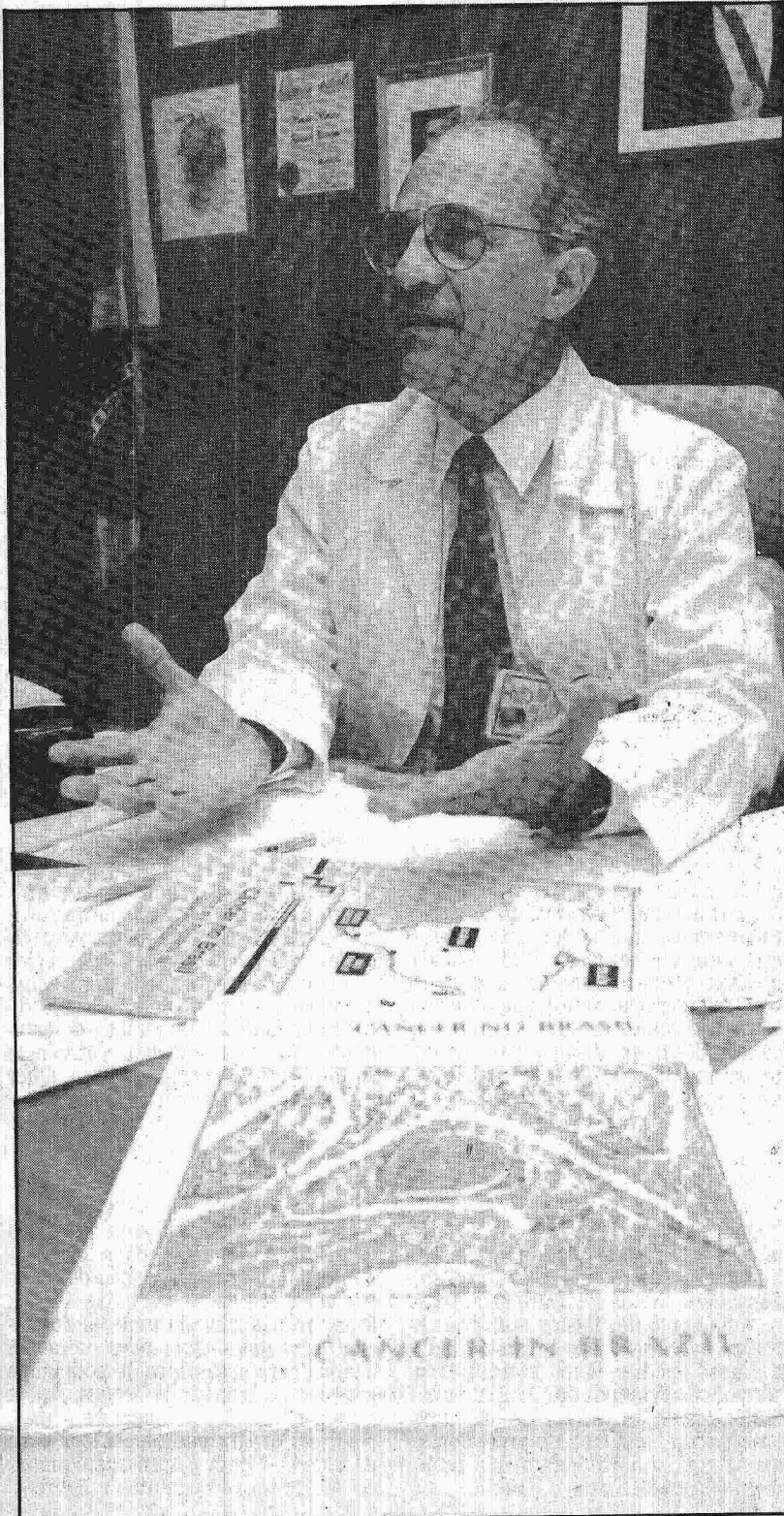
O Instituto Nacional do Câncer (Inca), criado em 1938, é hoje um centro de excelência para diagnóstico e tratamento do câncer no Brasil e na América Latina. A Lei Orgânica da Saúde, que instituiu o Sistema Único de Saúde, criou dois centros de referência, ligados diretamente ao Ministério da Saúde: o Inca e a Fundação Pioneiras Sociais.

Cabe ao Inca auxiliar o ministério na formulação da política nacional de prevenção, diagnóstico e tratamento do câncer; planejar, executar e supervisionar programas e atividades relacionadas à prevenção, ao diagnóstico e ao tratamento do câncer; além de prestar serviços médico-assistenciais.

O Inca tem recursos próprios e, segundo seu diretor, Marcos Moraes, não tem problemas financeiros. O orçamento deste ano, em valores de abril de 1991, é de Cr\$ 18 bilhões, que vêm sendo repassados, com correção, dentro do cronograma do governo federal. O problema é a carência de recursos humanos. Dos 275 leitos, 64 estão desativados e oito das 11 salas de cirurgia não funcionam porque faltam técnicos especializados. O Inca tem 1.300 funcionários e precisaria contratar mais 900. O impedimento imposto pelo governo federal emperra as contratações. Há verbas mas não há autorização.

— Para voltar a fazer de oito a dez transplantes por mês, contra dois de hoje, teria que contratar oito enfermeiros e quatro auxiliares, a um custo mensal de Cr\$ 5 milhões. Faria oito transplantes com o dinheiro que o governo gasta com um feito no exterior — diz o médico.

Em 91, 207.360 pessoas se consultaram no Inca. Houve 26.728 aplicações de quimioterapia em pacientes externos, 7.992 internações hospitalares, 14.069 cirurgias, 136.980 aplicações de radio-terapia, 99 transplantes renais e 27 transplantes de medula óssea.



Moraes quer contratar mais funcionários para fazer dez transplantes mensais

Faltam leitos para doentes terminais

Além da dor pela iminência da morte, a família do paciente terminal é obrigada a enfrentar uma peregrinação pelos hospitais em busca de um leito. Na opinião de um especialista, essa dificuldade da família acaba sendo um negócio lucrativo para clínicas conveniadas, devido à falta de leitos na rede pública.

— Muitas casas de saúde conveniadas cumprem o papel de depósito para quem está esperando a morte — admite um médico.

O Instituto Nacional do Câncer (Inca) tem um programa que reúne de 150 a 200 voluntários com o único objetivo de tentar dar conforto aos pacientes terminais. O Inca fornece comida, roupa limpa, medicamentos e visitas diárias de voluntários, que acionam os médicos quando há necessidade.

O Instituto tem um projeto ousado de construir um hospital para doentes terminais nos moldes dos existentes na Inglaterra, onde o paciente pode fazer tudo o que tiver vontade.

— Se ele quiser rever um grande amor, nós tentaremos viabilizar seu projeto — sonha Marcos Moraes, diretor do Inca.

Sonhos à parte, de concreto há a possibilidade de transformar o Hospital São Francisco de Paula, da Igreja Católica, em hospital de apoio para doentes que necessitam de tratamentos longos.

Mas para se chegar à concretização da idéia ainda são necessários acertos, da mesma forma que para legalizar a fusão do Hospital de Oncologia com o Inca — que já existe na prática — será preciso superar entraves burocráticos.

Postos terão vacina contra hepatite B

A vacina contra hepatite B vai ser incluída na rotina dos postos de saúde do estado para prevenir o câncer no fígado. A inclusão depende somente de estudos econômico-financeiros, segundo Joaquim Teixeira de Fernandes, da coordenação do Programa de Oncologia da Secretaria de Saúde. O vírus da hepatite B, explicou, é o maior responsável pelos casos de câncer no fígado.

A vacinação sistemática contra hepatite B já foi adotada em outros países, onde há registro de grande número de casos. As pesquisas sobre diagnóstico e

tratamento do câncer de fígado estão mais adiantadas na África, onde, devido à grande incidência de hepatite B, há registro de crianças que nascem com hepatocarcinoma.

Como sua função é filtrar o sangue, o fígado é o órgão mais atingido por metástases — ramificações do tumor canceroso. Percentualmente, o fígado é atingido por 70% dos tumores desenvolvidos no pâncreas, 56% por dos tumores do cólon e do reto, 53% por cento dos tumores de mama e 42% por cento dos tumores de pulmão.